



Revista Café com Sociologia

Volume 6, número 3, jul./dez. 2017

ISSN. 2317-0352

RESENHA

SOBRE A TIRANIA: vinte lições do século XX para o presente

Resenha da obra:

SNYDER, Timothy. *Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*. 1. ed. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 121p.

A DEMOCRACIA E OS RISCOS DA TIRANIA

Sidnei Ferreira de Vares¹

Timothy Snyder nasceu em Ohio, nos Estados Unidos, em 1969. Vinculado ao curso de História da Universidade de Yale e membro do Instituto de Ciências Humanas de Viena, Snyder é praticamente um desconhecido do público brasileiro, apesar de algumas de suas obras, tais como *Terra de sangue* (Record, 2012), que venceu doze prêmios e foi traduzida para mais de trinta idiomas, *Pensando o século XX* (Objetiva, 2014), em coautoria do Tony Judt, e *Terra Negra* (Companhia das Letras, 2016), terem sido recentemente traduzidas e publicadas em português. O autor iniciou seus estudos na High School de Centerville, na década de 1980. Mais tarde, recebeu o diploma de Bacharel em Artes e Ciências Políticas pela Brown University, onde também se doutorou em História Moderna, em 1997. Grande parte de sua produção teórica dirige-se a temas relacionados à política, em especial aos temas do nazismo, comunismo, democracia etc. Ideologicamente, Snyder pode ser alocado no rol do pensamento progressista, de cunho democrático e liberal, marcando uma posição contrária aos regimes e ideais autoritários e totalitários.

Seu último trabalho, o opúsculo “*Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*”, agora também publicado no Brasil, constitui um esforço bastante interessante no sentido de analisar os rumos da política ocidental. Também aqui suas posições políticas – progressistas e liberais – fazem-se presentes, encarnadas nas críticas por ele dirigidas aos regimes totalitários, mais

¹ Doutor em Educação pela USP. Professor dos Cursos de Filosofia e História do UNIFAI. E-mail: vares@usp.br

especificamente ao modo como essas ideias podem minar as bases dos regimes democráticos. A despeito do formato conciso e do tom ensaístico do livro – que está dividido em 20 pequenos capítulos, precedidos por um prólogo e sucedidos por um epílogo, ambos igualmente breves –, a análise propugnada por Snyder está longe de ser simplista. Nele, o referido autor reflete sobre temas e dilemas atuais, propondo, todavia, um retorno ao passado recente da história ocidental, mais especificamente à primeira metade do século XX, com vistas a colher elementos, processos e fatos que permitam explicar as agruras de nosso tempo presente. Tal estratégia, que sem dúvida exige um enorme exercício de erudição, não tem a pretensão, ao contrário do que se possa pensar, de estabelecer qualquer paralelo entre períodos históricos tão distintos. Aliás, esse é um alerta importante ao leitor: a obra de Snyder não se caracteriza como uma tentativa de comparar os eventos políticos que marcaram a primeira metade do século XX e os eventos que marcam o início deste século, mas tão somente analisar, numa perspectiva conjuntural, o itinerário histórico de nossas democracias ocidentais. Nesse sentido, os motivos que alimentam os propósitos desta obra são bem mais modestos: o que o autor pretende é avaliar a capacidade de resistência dos valores democráticos frente às crises e reviravoltas, historicamente atestadas, responsáveis por desprestigiar as instituições políticas democráticas e sugerir soluções autoritárias. Algumas experiências recentes, como Brexit e a própria eleição de Donald Trump, demonstram claramente como o desprestígio da política pode ceder lugar ao autoritarismo e à intolerância.

Logo no prólogo, assevera Snyder: “A história não se repete, mas se ensina” (p.11). Seu alerta tem um claro propósito. É que, como historiador, ele sabe que a tirania é sempre um risco eminente, um fantasma a assombrar a liberdade. Como os antigos gregos já haviam percebido, a degeneração da democracia facilita a proliferação de tiranos, isto é, de líderes ou partidos políticos que despontam como representantes diretos da vontade popular. Exemplos recentes não faltam. A primeira metade do século XX tem muito a nos ensinar a esse respeito. Isso porque, entre as décadas de 1920 e 1930, as democracias europeias sucumbiram frente ao avanço do fascismo, enquanto mais a leste a União Soviética comunista presenciava o fenômeno do stalinismo. Assim, a história do século XX “nos mostra que sociedades podem ruir, que as democracias podem entrar em colapso, que a ética pode ser aniquilada e que os homens comuns podem se ver diante de valas comuns com armas nas mãos” (p.13). Como se chegou a isso? Eis uma questão fundamental para o autor.

Sobre este ponto, em especial, Snyder levanta uma série de questões importantes. É que na ótica do autor, os regimes totalitários do século XX, tais como o fascismo e o nazismo, apresentam alguns traços comuns. Isso porque esses regimes políticos se erigiram após o descrédito das instituições democráticas, calcados, sobretudo, num discurso de medo. Em outros termos, tanto a

experiência fascista quanto a nazista só foram possíveis graças à ideia básica segundo a qual o caos social e político que acometia respectivamente a Itália e a Alemanha resultava da fragilidade do modelo democrático. Para os simpatizantes desses regimes, a democracia se mostrava incapaz de superar as tensões e divisões sociais, o que só poderia ser sanado por meio de um regime forte e unitário. Ademais, em ambos os casos, verifica-se a eleição arbitrária de um inimigo interno, no primeiro caso o comunismo, no segundo os judeus, os homossexuais e os ciganos, justificando assim qualquer ação no sentido de extirpá-los. O fenômeno do stalinismo soviético, por seu turno, difere em termos formais dos casos anteriores, visto que lá a democracia nunca existiu. Porém, em termos substantivos, o regime stalinista dispôs dos mesmos traços autoritários. Isso porque a Rússia pós-revolucionária soube também escolher e perseguir seus inimigos: aristocratas e grandes proprietários rurais.

Em suma, tanto o nazi-fascismo quanto o socialismo soviético constituíram ideologias anti-históricas e teleológicas, que negavam a razão em detrimento da força de vontade e da união nacional. Para fazer valer esses preceitos, seus representantes utilizaram as mais diversas estratégias, tais como a adoção de um partido único, a construção de símbolos e a difusão de um conjunto de ideias e valores de cunho nacionalista. Com isso, eles conseguiram cooptar os mais variados setores da sociedade civil, até mesmo aqueles que, em tese, estavam comprometidos com os valores democráticos. Além disso, utilizaram grupos paramilitares e conseguiram, em pouco tempo, atrair para si o apoio das forças armadas oficiais. Criaram também uma gramática própria, responsável por reduzir a compreensão da realidade, quase sempre tomada como uma luta entre “amigos” e “inimigos”, entre “nós” e “eles”, em que qualquer tentativa de difamar o líder era vista como um ataque os valores legítimos da nação. Na visão de Snyder, essas estratégias podem ser divididas de quatro diferentes modos: a) a hostilidade aberta à realidade verificável, apresentando invenções e mentiras como se fossem fatos; b) a “repetição interminável” destinada a tornar o ficcional plausível e a conduta criminosa, desejável; c) o caráter mágico atribuído às soluções propostas pelo regime, ainda que do ponto de vista da realidade concreta essas soluções se relevassem falsas; d) a exploração indevida da fé nutrida pelo povo e a conseqüente autodivinização de seu líder, sacrificando a verdade em nome de uma nova religião cujo epicentro era a ordem. Para alcançar seu intento, fascistas, nazistas e stalinistas usaram e abusaram dos recursos midiáticos disponíveis à época, sobretudo rádios e jornais. A propaganda, indubitavelmente, foi utilizada como instrumento ideológico, apelando aos sentimentos das pessoas, antes que estas tivessem tempo suficiente de refletir.

O que Snyder pretende ao expor as estratégias empregadas por regimes totalitários do século passado? Dito de outro modo, o que esses processos, aparentemente tão distanciados de nossa

realidade, têm a ver com o atual quadro político? A resposta a essa questão pode ser nada ou tudo. Nada, se pensarmos que o contexto político e social em que os regimes totalitários se desenvolveram tem pouca semelhança com o nosso atual contexto. De fato, as sociedades contemporâneas são bem mais complexas e heterogêneas, seja do ponto de vista social ou do ponto de vista ideológico, quando comparadas às sociedades europeias daquele período. Tudo, se pensarmos que algumas dessas estratégias ainda são empregadas por grupos sectários, conservadores e radicais no contexto das sociedades liberais atuais, com o intuito de depreciar as formas democráticas, sobretudo em tempos de crise. Assim, o que atualmente denominamos “onda conservadora”, ou seja, a proliferação de grupos, facções e partidos políticos munidos de ideias radicais e de um discurso belicoso, rancoroso e contrário aos que defendem uma sociedade plural, é a notação mais bem acabada de uma tendência em franca ascensão, cuja interferência se estende, inclusive, a países historicamente identificados com os valores democráticos.

Mas a análise proposta por Snyder vai além da ascensão das pautas conservadoras apregoadas por grupos radicais. Ela não poupa sequer a convivência dos países democráticos nesse processo. Em outras palavras, na visão do autor, as sociedades democráticas incorrem num erro fatal: elas dão pouca ou nenhuma atenção às lições da história, à medida que a visualizam como um espaço de reprodução do mesmo, ou seja, como um movimento unilateral em direção à democracia liberal. De fato, com a queda dos regimes socialistas no Leste Europeu, ganhou força o mito do “fim da história”. Em última instância, o referido mito ajudou a tornar irrelevantes os traumas do fascismo, do nazismo e do comunismo e, além disso, contribuiu para aceitação de uma “política da inevitabilidade”, segundo a qual o futuro não passa de algo que já está posto no presente. Esta visão teleológica, que se assenta em uma narrativa segura e desejável de que o presente constitui apenas um passo em direção a um futuro conhecido – um futuro marcado pela crescente globalização e pela crescente prosperidade – obstrui qualquer solução alternativa, bem como a própria noção de história, inviabilizando o debate político. Contudo, na leitura de Snyder, há um risco ainda maior: o de que essa “política da inevitabilidade”, responsável por mitificar as propostas neoliberais, se converta em uma “política da eternidade”, em que uma volta ao passado, apresentada como uma alternativa viável e necessária, o que, ao fim e ao cabo, também invalidaria uma perspectiva futura.

A obra de Timothy Snyder é demasiadamente provocante, à medida que nos ajuda a refletir sobre os impactos das doutrinas anti-históricas na esfera política e social, seja por tornarem o

passado um porto-seguro e inevitável, seja por tornarem o futuro uma cópia fiel de um presente desejável. Há também um segundo ponto, não menos importante, que se refere às lições que a história pode legar à humanidade. Isso porque os acontecimentos históricos não podem e nem devem ser tratados como processos ultrapassados ou completamente findados. A história, na visão do autor, é um campo aberto e fértil, inclusive para a repetição dos erros. Disso decorre a importância de estudá-la e compreendê-la. Talvez por isso o autor dedique-se com tanto afincamento a resgatar as experiências totalitárias, esclarecendo, sobretudo, suas origens e seu desenvolvimento. Todavia, enganam-se aqueles que pensam que o autor é um mero crítico dos regimes totalitários e autoritários – fascismo, nazismo e comunismo –, isentando os regimes democráticos capitalistas de quaisquer responsabilidades. Evidentemente este é o seu ponto de partida, mas não o seu ponto de chegada. Também os regimes ditos liberais e democráticos podem contribuir para a consolidação de uma visão anti-histórica, sobretudo quando negam a política, a racionalidade e a historicidade, reduzindo a atividade política e as instituições democráticas do presente a representações de um passado idílico ou de um futuro perfeito.

O ponto frágil do livro, em nosso entendimento, fica por conta da ausência de uma reflexão mais aprofundada acerca do papel exercido pelas diversas elites – econômicas, políticas, militares, jurídicas e intelectuais – em relação ao sucateamento das instituições democráticas. Em outros termos, até em virtude da diminuta extensão do livro, o autor nada diz a esse respeito, dando a impressão de que esses ideários anti-históricos pouco ou nada se relacionam com os interesses escusos de grupos específicos, para os quais a democracia constitui muito mais um entrave do que uma saída. Destarte, ao abordar tanto os grupos que professam ideias totalitárias, quanto os que professam o fim da história, Snyder negligencia os fatores concretos dos quais essas ideias são apenas efeitos, e não as causas. Nesse sentido, falta à sua análise um olhar mais aguçado sobre os reais interesses desses grupos, os quais, no contexto dos regimes democráticos, se opõem radicalmente à ideia de partilhar o poder ou de se submeterem à vontade da maioria.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO

VARES, Sidnei Ferreira de. A democracia e os riscos da tirania. *Revista Café com Sociologia*. v.6, n.3, p. 282-286, 2017.

Recebido em: 18 de jul. 2017

Aceito em: 22 de dez. 2017